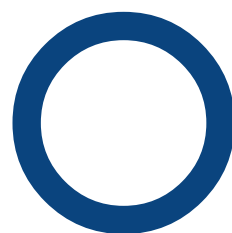


ARTIGOS

## IRRADIAÇÃO DAS BELAS LETRAS NAS PLAGAS CEARENSES: DO OITEIROS À PADARIA ESPIRITUAL

Cícero João da  
Costa Filho\*

\*Doutor pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade Vale do Acaraú-Ce. Email: cicerojoaofilho@gmail.com. Este artigo é parte bem simplificada do primeiro capítulo da dissertação intitulada Padaria Espiritual: cultura e poder em Fortaleza nos fins do século XIX (1892-1898), defendida no Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, sob orientação do Dr. Marcos Napolitano.



Ceará foi berço de importantes movimentos literários e reconhecido por nomes importantes da historiografia literária nacional como José Veríssimo, Afrânio Coutinho, Antônio Candido, etc. Neste artigo, analisaremos alguns dos movimentos literários mais significativos do Ceará e buscaremos perceber de que forma foi constituído um imaginário cultural por parte desses movimentos e seus desdobramentos.

### I. Historiografia Literária Cearense

A década de 1870 marcou, no Ceará, o despontar de uma série de movimentos intelectuais destinados a se revelarem um dos mais curiosos capítulos da história da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, um dos mais sugestivos desafios à sua interpretação como fenômeno sociológico”

José Ramos Tinhorão.

A historiografia literária cearense toma como base de análise para o estudo do desenvolvimento das letras - movimentos beletrísticos, grêmios literários, gabinetes ou rodas de leituras etc - dois elementos, quais sejam: a economia ligada à criação de gado, possibilitada pela extensão das terras e pastos e os aspectos geográficos que caracterizam e tipificam o Ceará como uma sub-região, pobre e seca. Nessa perspectiva, o Ceará é concebido como “atrasado” economicamente por possuir um solo arenoso e, devido a sua posição geográfica, estar fadado às grandes instabilidades da seca que norteia toda uma produção literária conferindo, pois, certa unidade regional. Portanto, esta estrutura material, econômica e físico-geográfico confere ao Ceará um imaginário coberto de pobreza e seca influenciando o olhar dos homens de letras, da primeira metade do século 19, com relação ao desenvolvimento das letras, artes e ciências.

Diogo de Campos Moreno em sua obra Livro da Razão

do estado do Brasil, escrito em 1613, a partir de observações de Diogo de Menezes, já traça os aspectos físicos da terra cearense. Em suma, sua obra, assim como as observações de D. Diogo de Menezes, tomadas a pedido do rei, revelam o destino de um Ceará determinado pela pobreza do seu solo e por sua economia caracterizada pela criação de gados. “A seca e a criação, condições geográficas e vida econômica haviam de ser as determinantes da formação da nova Terra”. (RODRIGUES, 1959: 9-41)

O olhar de toda a historiografia cearense até os dias de hoje, infelizmente, se desenvolve em meio a esta conjuntura econômica marcada pelas precárias condições e patenteada por uma visão ou escrita historiográfica que busca entender o presente a partir do passado. Não sem razão que os autores mais credenciados durante o nascimento dessa historiografia cearense nos anos 60 e 70, instituída e formalizada pelo Instituto do Ceará, (OLIVEIRA, 2001) são pensadores que atribuem ao meio geográfico a influência na formação da “índole” ou caráter do “tipo cearense”, assim como Hipólite Taine e Henry Thomas Buckle, pensadores que influenciariam mais tarde, de modo específico, os polígrafos da Academia Francesa. (AZEVEDO, 1989: 180-192)

Raimundo Girão, eminente historiador dos aspectos da cultura cearense, no geral, assim como dos aspectos econômicos, afirma que “é de antigo cronista das coisas do Brasil colonial, Ferdinando Denis, o conceito de que bem se

poderia considerar história do Ceará, a história de suas secas”. (GIRÃO, 1984: 243)

A fundação do Instituto do Ceará, em 4 de março de 1887, endossa esta identidade local e, às vezes, regional. Buscando as origens do povoamento do Ceará, os homens de letras do Instituto atribuirão grande relevo às condições materiais da região, almejando assim um traço singular que caracterize o tipo “cearense.”

Nesse sentido, a historiografia cearense contempla elementos os mais díspares, que vão dos caracteres etnográficos, passando pelos geográficos e relevando, acima de tudo, os elementos econômicos que, por sua vez, constituem o olhar da historiografia cearense, dão sentido e suscitam as indagações históricas para a construção da representação do “cearense”.

Conforme a visão historiográfica e literária dos escritores do Instituto, o tipo cearense não apenas é fruto do cruzamento de índios e brancos como é fortemente influenciado pelas forças do meio. Este raciocínio é fundamental para a compreensão da atividade historiográfica como um todo, pois é aqui que emerge o desejo de libertação por parte do cearense, ou seja, por ser dominado pelas inclemências do meio, vemos a pouca capacidade de raciocínio, sentido da construção literária do desenvolvimento das letras, o que não deixa de ser um argumento contraditório por parte da crítica literária local. Segundo Antonio Bezerra:

A inexorabilidade das secas, longe que seja um mal, traz, no entanto, para o cearense a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória, pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vai procurar melhores condições de vida por toda a parte do universo.

Sóbrio, afeito ao trabalho pesado para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do sofrimento. Não tem que estranhar infortúnios (BEZERRA, 2001: 2-3).

Cabe salientar que os homens de letras reunidos em torno do Instituto do Ceará objetivavam construir uma narrativa literária que servisse de identidade local, por vezes regional, tendo em vista as origens do Ceará, ainda presos à concepção histórica de verdade coberta por fatos memoráveis para que no futuro a memória passada fosse celebrada. Tudo para suscitar amor à terra de Iracema, às verdes plagas gentis! Era a história positivista dos escritores do Instituto.

As condições do meio identificadas diretamente pela pobreza material oriunda das constantes crises climáticas explicam, segundo a historiografia tradicional, a dificuldade e a pobreza das atividades letradas e culturais do Ceará. Percebe-se uma intrínseca relação, no olhar dos polígrafos do Instituto, no surgimento dos grêmios literários ou das sociedades de letras e ciência com a estrutura geográfica e econômica do Ceará.

Somado a esta pobreza material, os inúmeros trabalhos

registram a busca pelas origens do pensamento literário cearense em meio à atividade jornalística somente atenta às intrigas partidárias de ataques e contra-ataques, dificultando, pois, o despertar e o florescer das belas letras, segundo visão de Abelardo Montenegro (MONTENEGRO, 1980). Mas, aqui reside o ponto nevrálgico, qual seja: se existem tantas dificuldades e limitações do cearense em sua luta pela sobrevivência, o Ceará revelou, de acordo com Leonardo Mota (1982), mais de uma centena de grêmios literários, suscitando a impressão não de homens de capacidade medianas, mas de verdadeiros gênios literários.

Cabe mencionar que não apenas o movimento literário do Instituto do Ceará foi, a nosso ver, antes de qualquer coisa, um movimento político e como tal sofreu a seleção e instrumentalização das idéias por parte de um determinado grupo de escritores. Não há uma relação, na leitura que fazem os polígrafos do Instituto entre o surgimento das letras e artes com a estrutura material, ou seja, a historiografia apela para as condições adversas, em busca de forjar gloriosos e intocáveis homens cearenses, verdadeiros vultos literários.

Tomando por base o movimento político e literário em torno da abolição dos cativos, durante os anos de 1880 a 1884, momento muito significativo no quadro traçado por Dolor Barreira, onde os homens de letras revelaram-se verdadeiros poetas como Antonio Bezerra, Antonio Martins e Justiniano

de Serpa, - conforme o autor, os três poetas oficiais do Abolicionismo, o autor não relaciona os ideais românticos a serviço de uma maior circulação de riqueza, constituído e elaborado por homens empregados das grandes casas comerciais de Fortaleza.

O resultado de todas as informações levantadas por Barreira é despertar o amor do cearense à sua terra amada, não sem razão que, dentre os critérios de seleção para compor sua História da Literatura Cearense, o autor privilegia intelectuais artistas que falaram de sua terra natal, apesar de distante, e mesmo não sendo de naturalidade cearense. O que mais importa é divulgar o nome do Ceará, noutras plagas literárias, embora seja um meio adverso, coberto por secas e epidemias.

Depois do trabalho de Dolor Barreira (1948), seguem inúmeros outros trabalhos esparsos lançados ora pela Revista do Instituto do Ceará, ora pela Revista da Academia Cearense de Letras, a primeira academia de Letras do país, surgida em 1894. O que se percebe nestes trabalhos é a continuidade do pensamento de Dolor Barreira, no sentido de pontuar a sequência dos movimentos beletrísticos cearenses, esboçando o início das atividades literárias, seja a partir da plêiade de poetas para a recitação de odes e ditirambos em torno do palácio do governador Sampaio constituindo o Oiteiros, em 1813, segundo visão deste autor, seja com a Fênix Estudantal, fundada por Rocha Lima, um jovem crítico literário, na idade

de quinze anos, ou com a Academia Francesa, surgida em 1873.

Para a historiografia cearense, num meio constituído por raças indígenas, caboclas e européias, sofrida por um solo pobre, fadado às constantes secas, o Ceará se tornou alheio ao progresso, durante todo o século XVIII, enquanto a “civilização” se instaurava por meio de seus heróis que são os Homeros, os poetas que graçavam em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, debaixo de suas academias literárias.

## II. As tertúlias literárias do governador Sampaio: um amante das letras e das artes

Quase nada se sabe, conforme Dolor Barreira, dos saras ou tertúlias literárias organizadas em torno do governador Manuel Inácio de Sampaio em 1813. O autor discorda de Antônio Sales, Tristão de Ataíde e Cruz Filho, afirmando que o grupo do Oiteiros, encabeçado por José Pacheco Espinoza, Antônio de Castro e Silva, Pedro José da Costa Barros, Lino José de Oliveira e Manuel Correia representa o “pontapé inicial” das letras cearenses. Seguindo o raciocínio do autor, ainda que a importância dos saras, com suas odes pindáricas, sejam de pouca relevância, eles são identificados “como rudimentares amostras de uma literatura incipiente, a ensaiar-se, tacteamente, nos seus primeiros passos”. (BARREIRA, 1948: 71). Começa aqui, segundo Barreira, a atividade literária

cearense que mais vale pelos primeiros balbucios literários do que por uma contribuição de um grupo sólido, de agremiação literária, como os da Academia Francesa, Clube Literário, e tempos depois, da Padaria Espiritual.

### III. Academia Francesa é a Geração de 70 Cearense: civilização e cientificismo

No Brasil, a segunda metade do século XIX foi marcada por profundas e significativas mudanças que iniciaram uma nova era. Este novo momento passou pela maneira de interpretar a sociedade de então preterindo a sociedade arcaica do Império brasileiro. O Romantismo já era tema morto e chegavam ao Brasil às últimas idéias e doutrinas do cientificismo europeu. Era necessário e indispensável acabar com todo um imaginário de uma sociedade hierarquizada e legitimada, simbolicamente, por um Romantismo que bem condizia com a sociedade conservadora, hierárquica, e romântica do Primeiro Reinado.

Os filhos da antiga elite agora se transferiam para as cidades em busca do diploma de bacharel, surgiam as duas faculdades de Direito do país – a do Recife e do Largo São Francisco – e a importância da Faculdade de Medicina da Bahia não ficava para trás, assim como os museus e os institutos históricos. O país rumava ao moderno, agora as idéias do Positivismo, Evolucionismo, Darwinismo, Liberalismo, dentre outras, chocavam com as idéias do ecletismo e da metafísica,

reinante durante o Primeiro Império.

Nesse contexto, entre as décadas de 1850 e 1870, acontece a Guerra do Paraguai (1864-1870) desvelando um Brasil de maioria negra, concebido como bárbaro, onde boa parte do baixo exército era composta por estes homens. Quando comparado com países já saídos do processo escravagista, o país era concebido como atrasado, por guardar em seu seio o “cancro da escravidão” manchando cada vez mais a imagem do país no exterior, carecendo da dissipação dos ideais científicos. Mas do que ter sido o Brasil o último país a abolir os cativos e pairar no pensamento da elite intelectual e econômica uma possível insurreição de escravos, como a que aconteceu no Haiti e em São Domingos, a imagem do país era concebida, lá fora, como “bárbara” reforçada por inúmeros escritores e homens públicos, como Nabuco, que viam na escravidão uma chaga ou um cancro que deveria ser extirpada a qualquer custo.

A Questão Religiosa, discutida em uma nação predominantemente católica, foi outro elemento significativo em que o papel da Igreja também era relevante. Do ponto de vista econômico, 1850 é divisor de duas eras: estava entre o Brasil arcaico e o novo Brasil, moderno, civilizado e, acima de tudo, liberal. Todo um aparato que até então não existia como bancos, iluminação, telégrafos, trens, significava a presença da modernidade num país coberto de escravos, índios e mestiços!

Basicamente, este foi o panorama que precedeu a década

de 1870 e a geração de escritores que passou a criticar as instituições imperiais do Estado brasileiro, a par das idéias do Evolucionismo, Positivismo, e Determinismo franceses.

O grupo de escritores, que eram leitores das idéias do Evolucionismo, foi, antes de qualquer desígnio, uma geração comprometida com os anseios modernos. Baseados não mais no método da intuição subjetivista que bem caracterizou o Romantismo brasileiro, concebido como atrasado, representante do mundo hierárquico e arcaico do Primeiro Império brasileiro, mas em pensadores que analisavam a sociedade tal e qual um organismo vivo, esta geração buscou apoio no poder científico para compreender e justificar as transformações sociais em voga no momento.

O Romantismo de toda uma geração das décadas de 1830 e 40 não mais respondia a questões de ordem cultural, que punham, na ordem hierárquica social, o senhor acima do escravo; o Evolucionismo caiu nas mãos da “nova” elite como uma luva para afastar o Brasil do passado. Leitores de Comte, Taine, Spencer, Darwin, Buckle, dentre tantos outros nomes importantes da ciência, e de Stuart Mill, do ponto de vista liberal, “a moderna geração do Ceará, forte, corajosa e viril”, no dizer de Capistrano de Abreu (1968), introduziu o pensamento moderno pregando a abolição e república.

As Faculdades de Direito e de Medicina eram os mais

importantes centros das incipientes classes que agora residiam nas cidades. Tais instituições facultavam uma nova maneira de interpretação brasileira, partindo agora do modelo da Biologia, o grande modelo, da Mecânica e da Química. Dessas instituições, surgiriam os futuros e inúmeros intérpretes do pensamento social brasileiro.

Estes homens de letras representavam uma verdadeira república de bacharéis que, em sua maioria, atravessavam o ensino secundário para depois realizarem os preparatórios, objetivando os cursos superiores. Leitores de Comte, Spencer, Vacherot e tantos outros autores da ciência européia, estes jovens alunos se instruíram no mais importante educandário particular de Fortaleza, o Ateneu Cearense, sob direção dos irmãos Costa Mendes, para depois enfrentarem os preparatórios do Liceu e só assim obterem ingresso nos cursos superiores. Com a carta de bacharel, regressavam a Fortaleza para lecionar no Liceu do Ceará, espaço de formação dos homens de letras cearenses.

No Liceu do Ceará, apesar desta instituição não expedir a carta de bacharel, foi possível pensar a atuação futura dos vindouros homens de letras. Muitos deles faziam seus cursos preparatórios para Medicina e Direito no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Só as melhores famílias possuíam condições de mandarem seus filhos aos preparatórios, o que significa afirmar que a “moderna geração cearense”, economicamente falando,

pertencia à classe média, e intelectualmente, justamente por portarem a carta de bacharel, à elite intelectual.

O movimento filosófico da Academia Francesa (designação sugerida por Capistrano de Abreu e escolhida por gracejo, mas que assim foi instituída, para se confrontar com outros centros, também redutos das idéias novas e modernas, principalmente, Recife, e em menor peso, São Paulo), talvez porque, na Escola do Recife, tenha predominado, segundo Sílvio Romero (1914), o pensamento de uma tradição da cultura alemã.

A Academia constituída por jovens como Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho, Xilderico de Faria, França Leite, Araripe Junior, Antônio José de Melo, Felino Barroso e Amaro Cavalcante e surgiu para se confrontar com o grupo do Recife, surgido em 1869, liderado por Tobias Barreto, Sílvio Romero, Isidoro Junior, Clóvis Bevilacqua e tantos outros. Se o grupo surgido em torno da Faculdade de Direito do Recife exaltava a cultura germânica, pontualmente a figura de Barreto, admirador desta cultura e responsável pela criação do movimento em torno da Faculdade de Direito do Recife, o grupo cearense primou pelo arsenal de leituras de autores como Taine, Comte e Spencer. Os intelectuais bacharéis reuniam-se na casa do próprio Rocha Lima, segundo Capistrano de Abreu, a “mais fulgurante estrela” que rebentou no Ceará.

Era em casa de Rocha Lima que reuniam-se os membros do que chamávamos Academia Francesa. Quanta ilusão! Quanta força, quanta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Système de Politique* era o complemento do *Cours de Philosophie*. Melo descrevia a anatomia do cérebro, com a exatidão do sábio e o estro do poeta. Pompeu Filho dissertava sobre a filosofia alemã e sobre a Índia, citava Laurent e combatia Taine. Varela- o garboso abnegado paladino, – emistava lanças a favor do Racionalismo. Araripe Junior encobria com a máscara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da revolução francesa com o arrebatamento de Camilo Desmoulins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lóbrego como uma noute de Walpurgis, dava asas a seu humor colossal. Por vèzes das margens do Amazonas chegava ao eco de uma vez, doce como a poesia de suas águas sem fim, – a de Xilderico de Faria, hoje para sempre mudo no regaço do Oceano. (ABREU, 1968: 78)

Dentre os integrantes da Academia Francesa, como quer a clássica historiografia literária cearense, o nome de Raimundo Antonio da Rocha Lima se sobrepõe aos demais. O jovem crítico literário é concebido como um verdadeiro gênio tanto pelo seu grupo como por parte de seus próprios colegas de refregas intelectuais, Rocha Lima possuía uma plasticidade ímpar que se a morte não tivesse lhe tirado tão cedo deste mundo, teria sido um dos maiores gênios do Brasil não apenas no campo da crítica, área que estudava nos tempos da Academia, como



também na área do conhecimento sociológico, e, sobretudo, filosófico.

Foi na própria casa da tia que Rocha Lima iniciou o contato com as leituras e sua paixão pelos livros. Assim como sua geração, Rocha Lima estudou no Ateneu Cearense e realizou seus estudos preparatórios no Liceu do Ceará, surgido em 19 de outubro de 1845, para depois se dirigir aos exames no Recife, objetivando a entrada no curso de Ciências Sociais e Jurídicas na renomada Faculdade de Direito do Recife.

A Escola Popular ou Noturna divulgava em suas conferências públicas, destinadas aos pobres e operários pelos homens da Academia Francesa, os ideais científicos do “progresso” e da “civilização”. O próprio Capistrano de Abreu, que escreveu no *Fraternidade*, colunas de crítica literária, afirmou:

Grande foi a influência da Escola Popular não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade em geral, por intermédio de conferências ali feitas, em que o ideal moderno era apreendido por pessoas altamente convencidas de sua excelência. Maior ainda foi a influência da Escola sobre os espíritos audazes e juvenis, que congregou, reuniu e fecundou uns pelos outros. (grifos nossos) (ABREU, 1968: 77)

Essas conferências eram divulgadas na Escola Popular ou Noturna e se destinavam aos empregados do comércio, pobres e operários, em sua maioria, que se dirigiam no final da tarde

às aulas noturnas para receberem ensinamentos acerca dos problemas sociais, à luz das ciências naturais. Tais conferências, tipicamente científicas, criticavam o clero por sua educação doméstica e conservadora que coibia a liberdade da razão. Segundo Djacir Menezes, “a série de artigos sucessivos contra as famosas conferências perlongam uma dezena de exemplares do *Fraternidade*” (MENEZES, 1968: 41)

Os homens da Academia Francesa rivalizavam com o pensamento da Arquidiocese de Fortaleza, e seus ideais, divulgados na Praça da Feira Nova, atual Praça do Ferreira, como o Dr. Manoel Soares Bezerra, líder do tradicionalismo católico no Ceará. As narrativas do pai do abolicionista e padeiro Antonio Bezerra e do bispo D. Luiz logo despertariam a reação dos homens de espíritos livres da Academia Francesa. Estas conferências eminentemente científicas, realizadas na Escola Noturna sobre Soberania Popular (Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho), Liberdade Religiosa (Xilderico de Faria), O Papado (Araripe Junior) pretendiam disseminar os anseios modernos que se contrapunham à visão monárquica e teológica da igreja.

No jornal *Fraternidade*, logo viria o ataque dos cientistas sociais da Academia nos escritos de Thomas Pompeu Filho, Xilderico de Faria e Araripe Júnior. Renomado crítico literário e integrante da Academia, filho do bacharel Tristão de Alencar Araripe e neto do conselheiro Tristão, por sua vez, filho do Tristão Gonçalves, personagem significativo na divulgação das

idéias liberais de 1817 e 1824 no Ceará, Araripe Junior afirma:

Como era de esperar, não tardou que as conversações se fizessem jornal e o jornal tribuna. A questão religiosa ia no seu auge. Organizaram-se conferências contra o clero e esse momento chegou a operar tão grande abalo na opinião católica, que um desembargador não receou dar a Fortaleza o nome de Tubingen brasileira (ABREU, 1968:18)

Como se notifica, a querela maior dos homens da Academia, em seu “movimento civilizador”, expressão de Thomas Pompeu, era o protesto a favor não só de um pensamento livre e liberto das concepções arcaicas disseminadas pelo poder da Igreja como de certa liberdade econômica. Lendo o *Fraternidade*:

Quando se pede liberdade de pensamento, meus senhores, não se pede para o pensamento em sua pureza espiritual, quando escondida nos recessos do espírito: quer-se a liberdade da idéia escrita, falada, burilada, – a liberdade de imprensa, a liberdade de palavra, a liberdade da arte. Quando se fala em liberdade de ação, de movimento, entende-se a ação e o movimento manifestados, – a liberdade do trabalho a liberdade de indústria (Apud MENEZES, 1968: 37)

Não podemos deixar de relevar os aspectos econômicos pelos quais atravessava Fortaleza, à época, com a formação de uma incipiente classe média, e, portanto, com uma sociedade já estratificada a partir da década de 1870, quando a economia do algodão permitiu um conjunto de reformas urbanas, fruto

de uma maior abertura ao capital estrangeiro. A esta formação de classes, mesmo de forma incipiente, a Academia Francesa é representação dessas novas classes que almejavam instaurar uma modernidade, sob novos valores eurocêntricos, baseados nos pressupostos científicos da modernidade. .

Ainda que haja uma renhida discussão por parte de alguns intelectuais acerca da independência (AZEVEDO, 1971) ou da falta de originalidade dos ideais científicos da Academia Francesa, em relação ao Recife, reduto também de idéias novas ou modernas, o certo é que estavam presentes em Fortaleza os ares científicos de um sem número de pensadores da ciência moderna, precipuamente de cunho francês.

Grande parte da produção da Academia Francesa deriva dessa *Questão Religiosa*, salvo a obra póstuma do jovem Rocha Lima, *Crítica e Literatura*. As conferências estampadas no jornal *Fraternidade*, que não era o veículo da agremiação, mas órgão de divulgação da Augusta Loja Maçônica, registram os embates do clero com os homens do grupo de Rocha Lima. Assim, homens comprometidos com as novas idéias científico-liberais eram maçons, como: Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho, João Câmara e Xilderico de Farias.

Os intelectuais da Academia Francesa esboçaram suas idéias redigindo no órgão maçônico liberal *Fraternidade*, propriedade da Augs.: Loj.: Frat.: Cearense com o lema *Ordo ab Chao*, fundado por João Brígido dos Santos, Thomas Pompeu

Filho e João Eduardo Torres Câmara. No Cearense também estava presente a pena destes jovens bacharéis, órgão de cor dos anseios liberais, dirigido pelo pai de um integrante da Academia Francesa, o senador e padre Thomas Pompeu de Souza Brasil.

Cabe ressaltar que as leituras evolutivas dos escritores da Academia Francesa, “corajosa e viril”, deram vazão à influência liberal e econômica, pois pensadores franceses como Taine, Comte, Lamarck, Spencer e ingleses, como Buckle, Darwin, davam suporte a uma idéia de regeneração social na instauração da “nova” sociedade, frente os avanços das técnicas produtivas propiciadas pela expansão do capitalismo. Fortaleza vivia a época glamourosa da belle époque, coberta por uma totalidade de elementos modernos, como cafés, espaços públicos requintados, traçado xadrez de influência do Barão de Haussumam, tudo balizado pela cultura francesa.

Essa idéia de seleção natural permeou, mais tarde, alguns artigos da revista A Quinzena, surgida em 1887, lançada pelo Club Literário, para forjar a idéia de um tipo cearense heróico, valente e forte, mesmo vivendo num meio geográfico hostil e sofrendo todas as inclemências do meio.

Mesmo nesse clima adverso e fruto do cruzamento de raças pouco adiantadas, o cearense era forte e glorioso por reagir às intempéries do meio. Suas forças eram arrojadas e o povo cearense, portanto, era heróico e glorioso. As colunas de Abel

Garcia e Antonio Bezerra, componente de movimento literário Padaria Espiritual e, portanto, futuro padeiro, constituem provas para demonstrar a influência das leis científicas, na formação do caráter ou da índole do povo cearense, como construção dessa historiografia que, até hoje, deixa fortes marcas.

#### **IV. Lá vêm os padeiros para tirar Fortaleza do marasmo intelectual: só se fosse uma coisa nova!**

Sob ruídos e estouros, prometendo estremecer e escandalizar a provinciana Fortaleza de então, acostumada ao aluá, à seca e à política, diante de um caráter boêmio, pilhérico, jocoso e com laivos sarcásticos, surgia a Padaria Espiritual, em 30 de maio de 1892, ano da graça, data da primeira fornada, quando um grupo de rapazes, que eram escritores, poetas e artistas e, doravante, denominados “padeiros”, passaram a se reunir em torno daquela “original” agremiação, não só voltada às letras, como também às artes, em geral. Assim falava Adolfo Caminha, o Felix Guanabario, sobre o surgimento dessa agremiação literária e artística:

Perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a Padaria Espiritual. Sei lá! Quem sabe a verdadeira origem das cousas? O que desde logo posso te ir dizendo é o seguinte: Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do

Diário, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me que um deles trazia um pince-nez) convidar-me para fundar uma sociedade literária, cujo nome fosse Padaria Espiritual.

- Qual o programa? Inquiri depois de estranhar o título.

- Isso veremos. A primeira sessão preparatória realizar-se-á no Café Java, ali à Praça do Ferreira. Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

- Como uma carta a Guerra Junqueiro?

- O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho a Antonio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

- Mas, expliquem-se!

- Não é nada: uma ousadia, um escândalo, o que você quiser! Trate de fazer a correspondência para ser lida amanhã, no forno.

Ri-me embaraçado, com um ar tolo...

- Que devo escrever, então?...

- Fale ao Guerra sobre a Padaria e diga-lhe que queremos um exemplar da “Morte de D. João”, outro de Musa em Férias, outro da “Velhice”, enfim, um exemplar de cada obra dele para a nossa futura biblioteca. Uma cousa assim...

No dia marcado, ai pelas sete da noite, inaugurou-se publicamente a Padaria. Antonio Sales desenrolou o programa, que fez rir muito a burguesia curiosa e leu a carta ao Ramalho.

Estava, enfim, criada a Padaria Espiritual, essa Padaria de que hoje se fala na Rua do Ouvidor e a quem o Sr. Afonso Celso dedicou ultimamente o seu Um Invejado.

Eis meu amigo como nasceu a Padaria. (grifos nossos) (CAMINHA, 1989: 127-128)

Consagrada e celebrizada pela historiografia literária cearense como o maior movimento estritamente literário com reconhecimento noutras paragens literárias, uma vez que inúmeros jornais divulgaram por inteiro seu Programa de Instalação, a Padaria Espiritual prometia falar da real cultura do povo cearense a partir dos valores do campo, visto que boa parte de seus integrantes eram oriundos dos sertões cearenses, conforme escritos de O Pão.

Reunindo-se à noite no quiosque denominado Café Java, no centro da cidade de Fortaleza, o grupo dos escritores padeiros conversava sobre assuntos literários, entremeando-os por anedotas. Emerge daí o caráter de “originalidade” do grupo e, por conseguinte, do que os tornou conhecidos no cenário nacional: o comportamento boêmio e pilhérico que fez a diferença do grupo em relação às outras sociedades literárias surgidas anteriormente. Assim falava Antonio Sales, idealizador da padaria e homem que escreveu o Programa de instalação e o Retrospectos de seu grêmio de letras e artes.

Festa original essa, onde a boa gargalhada substituiu ao tonitroar da rethorica sedição e narcótica, destoando travessamente das lúgubres noitadas que se passa no recinto dessas sociedades litterárias, hirtas e parvas com

seus estatutos massudos, as suas actas de irmandade do Sacramento e a sua discursão impante de eloquencia de circo de cavalinhos – redundando tudo numa esterelidade desoladora e numa vulgaridade idiota (JUREMA, 1894: 8)

No Café Java, sob direção do aracatiense Mané Côco, a Padaria se tornou conhecida e passou a ser celebrada no cenário nacional como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, a ponto de Antônio Sales registrar que ao chegar à Capital Federal era logo interpelado: “É da Padaria”? (JUREMA, 1894: 17).

O êxito da “Padaria Espiritual” começara por surpreender a nós mesmos: sua popularidade se affirmou a cada dia de uma maneira estrondosa: a vasta correspondência a meu cargo, na qualidade de 1º forneiro (1ºsecretário) era uma tarefa bem pesada e entre as cartas recebidas havia-as de muitos pontos do paiz e até do estrangeiro (Programa de Instalação, 1894: 8)

O primeiro número de O Pão já trouxe registros da recepção dessa agremiação noutras paragens literárias,

Muito amável recepção teve a “Padaria Espiritual” por parte dos collegas d’A República, do Diário do Operário e do Silva Jardim, que fez uma delicada e espirituosa critica ao nosso Programma.”

A Província do Recife assim se manifestou: Recebi hontem

dous officios: um do Exmº Sr. Governador do Estado e outro de Moacir Jurema, 1º Secretario da “Padaria Espiritual”, pedindo-me para que secunde aquella aggremação “moral e materialmente, recomendando-a em todos os círculos de minhas relações. (Programa de Instalação da Padaria Espiritual, 1894: 8)

A Padaria Espiritual era composta por um Padeiro-Mor (Presidente), dois Forneiros (secretários), uma Gaveta (tesoureiro), um Guarda-Livros, na acepção intrínseca da palavra um bibliotecário. Havia também um investigador das Coisas e das Gentes, que se chamava “Olho da Providência” e os Amassadores (sócios). Todos os sócios tinham a denominação geral de padeiros. Os intelectuais padeiros assinavam seus trabalhos com seus criptônimos ou com seus respectivos “nomes de guerra”. Assim, eis os nomes dos primeiros 20 padeiros da primeira fase da sociedade literária e artística. De acordo com o artigo III “fica limitado em 20 o número de sócios, inclusive a diretoria, podendo-se, porém admitir sócios honorários que se denominarão padeiros livres”. (Programa de Instalação da Padaria Espiritual, 1894)

Segundo Antônio Sales, idealizador e padeiro-mor que, por muito tempo, lutou para ver esta sociedade conhecida no sul do Brasil, principalmente nos círculos literários cariocas e até mesmo no exterior, a Padaria Espiritual não seria

uma sociedade literária, como já se havia fundado tantas com um caracter formal de academia mirim, burguesa, retórica e quase burocrática, era coisa para qual eu sentia uma negação absoluta. Só se fosse uma coisa nova, original e mesmo um tanto escandalosa que sacudisse o nosso meio e tivesse uma repercussão lá fora". (grifo nosso). (SALLES, 1892:12)

A Padaria Espiritual surgia para subtrair a provinciana Fortaleza do marasmo ou indiferença das letras e artes, não sem razão que a sociedade dos padeiros, como rezava o Programa de Instalação, se dizia um grêmio de rapazes de letras e artes no geral. Semelhante ao movimento do Clube Literário e sua revista Quinzena, surgidos seis anos antes, a Padaria Espiritual prometia despertar o gosto literário e artístico numa província onde a literatura limitava-se a tratar de questões partidárias assumidas pelos grandes jornais, disputas de grandes famílias, mexericos e, sobretudo, num meio ainda marcado pelas carências materiais da província, onde as letras dificilmente progrediriam. Conforme noticiava o Pão, frente ao seu surgimento, ante uma sociedade indiferente às letras, artes e ciências

A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bella como a conheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não temos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir,

às quintas-feiras e aos domingos, alli no Passeio Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos - vegetamos

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espírito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de política torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

Temos, é certo, dois clubs choreographicos que se abrem uma vez por mez a todo cidadão que calça burzequins; porém, é força confessar, a vida não consiste exclusivamente em comer, procrear, dormir e dansar.

A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tonicos para o espírito.

A Padaria Espiritual é, pois (não vos scandalizeis) uma instituição utilíssima, tão útil quanto a Sociedade S. Vicente de Paula, tão necessária quanto o Instituto Histórico e Geographico; e O Pão, cujo apparecimento foi causa de tantos commentarios injustos, é, nada mais nada menos, que o vehiculo das nossas idéas, o archivo hebdomadário dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras. (grifos nossos). (O Pão... da Padaria Espiritual, 1982: 2)

Era patente a situação de extrema indiferença com relação às letras e às artes, denunciada pelo agora padeiro Felix Guanabarino, também já denunciada anteriormente pelo futuro padeiro Antônio Bezerra, quando integrante do Club Literário, o agora André Carnaúba, que redigiu, também, na

Quinzena, autor da coluna Nosso Progresso. Nos tempos de Clube Literário, o marasmo ou a indiferença às letras era geral, apesar de Antonio Bezerra se voltar ao momento de atuação da Academia Francesa e dissertar sobre a personalidade geniosa de Rocha Lima.

Adolfo Caminha, o Felix Guanabario, padeiro integrante da primeira fase da sociedade literária e artística, foi possivelmente um dos mais ácidos intelectuais comprometidos com os anseios civilizatórios de progresso e modernidade. Expulso da Padaria, devido a suas críticas contundentes em na obra A Normalista, onde denunciou uma “terra de aldeia”, de espírito provinciano e tacanho, em contraposição ao Recife, símbolo de civilização e progresso, onde lá estudava o filho do Coronel Souza Nunes, o bacharel Zuza, Fortaleza era neste momento um “arremedo de civilização”, uma “terra de bugres”, uma cidade “muito atrasadinha”, nas palavras do personagem, mais acostumada aos mexericos da vida alheia do que com as reais questões literárias.

Esta tomada de consciência a favor da civilização se notifica, sobretudo, nos primeiros números de O Pão, juntamente com o caráter de troça e pilhéria, quando o grêmio se preocupava com o estado de abandono do Parque da Liberdade, com a destruição do Cassino, e com a falta de iluminação do terceiro plano do Passeio Público, elementos afeitos aos anos febris da belle Époque da virada do século XIX.

Já no primeiro número d’O Pão, o jornal sagrava os feitos de uma cidade moderna, tal como Londres, Paris, ou mesmo o Rio de Janeiro. Isto porque Fortaleza acomodaria um Prado, local de apostas para a burguesia que lá se dirigia aos domingos, classe “mais” perseguida pelos padeiros. A contradição maior é que o Pão e alguns padeiros ora criticavam esta diversão profundamente elitista, ora a enalteciam, como pressuposto indispensável ao estabelecimento de uma sociedade civilizada. Pode ter sido esta apenas mais uma atitude de irreverência por partes destes boêmios e sarcásticos escritores.

O grupo de rapazes padeiros, em suas discussões sobre assuntos literários entremeados por outros temas regados a uma boa pilhéria, inicialmente no Café Java e, depois, na Rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, respectivamente nos números 105, 106, 111, e finalmente, na casa de Rodolfo Theófilo, primava por uma linguagem genericamente nacional, lida de forma apressada por “cultura popular” e estampada no Programa de Instalação, sempre tendo em vista a cultura européia, universo bem alheio para a maioria das pessoas que não pertenciam nem à elite material e nem à elite letrada.

A Padaria Espiritual diferiu dos outros movimentos literários por não ter sido composta em sua maioria por intelectuais pertencentes às camadas médias e altas como aquelas que integraram os movimentos anteriores como a Academia Francesa e o Abolicionismo, além de não ter

alardeado o ideal de progresso e civilização explicitamente, ou melhor, o grêmio de Antônio Sales surge depois de toda a euforia da escravidão e da monarquia. Nessa ótica, a questão principal para o grupo literário era a valorização da cultura popular das pessoas humildes dos interiores cearense.

Frente a outros movimentos literários já pontuados neste artigo, a Padaria Espiritual, em parte rompeu com o apelo científico alardeado desde a Academia Francesa, por não ter falado, de forma clara e explícita, sobre os avanços que o poder científico traria à “modernidade”, traço marcante da geração dos escritores bacharéis cearense, que carregou os movimentos intelectuais cearenses. Não havia sentido o apelo aos ideais científicos do Positivismo e Evolucionismo, quando a República já estava instaurada. Lembremos que os ideais dos homens de letras da segunda metade do século XIX serviram antes de tudo para derrubar o Brasil arcaico material juntamente com suas representações simbólicas.

Tachados de boêmios por “escandalizar” e “mexer” com a pacata e “atrasada” sociedade fortalezense de então, o movimento ficou conhecido por ter “rompido” com as antigas academias-mirins em função de sua originalidade. O mais significativo no grêmio foi ter como um dos objetivos resgatar a cultura popular baseada nos valores campestres, diferente da linguagem científica dos movimentos anteriores.

## Bibliografia

- ABREU, Capistrano de Raimundo Antônio da Rocha Lima. *Crítica e Literatura*. 3ª Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1968.
- AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios Literários do Ceará. In: *História do Ceará*. . Souza Simone de (org). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações, 1989, pp.180-192.
- \_\_\_\_\_. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1996.
- BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Instituto do Ceará, 1948.
- BEZERRA, Antonio. *O Ceará e os Cearenses*. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. 2o ed. Fortaleza: EUFC, 1999.
- CARDOSO, Gleudson Passos. *As repúblicas das letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904)*. São Paulo: Mestrado: PUC, 2000.
- GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.
- JUREMA, Moacir. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual à contar de 30 de Maio de 1892 (data de sua fundação) a 28 de setembro de 1894*. Fortaleza, Typ . D'A República, 1894.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. 2ª Ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.
- O Pão... da Padaria Espiritual*. Anno I, nº 2, 17 de janeiro de 1892. Edição Fac-similar, Fortaleza: EUFC/ACL/PMF, 1982.
- RODRIGUES, José Honório. *A historiografia Cearense na Revista do Instituto do Ceará*. In: *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. pp. 9-41.



ROMERO, Sílvio. Zeverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos. Porto: oficina fazer Comércio, 1909.

SALES, Antônio. Novos retratos & lembranças. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.

TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.